

A ORALIDADE NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES COMUNICATIVAS EM LÍNGUA INGLESA

ORAL COMMUNICATION IN HIGH SCHOOL: CHALLENGES AND
POSSIBILITIES FOR THE DEVELOPMENT OF COMMUNICATIVE SKILLS IN
ENGLISH

Linguística & Letras e Artes, Ciências Humanas • 13/06/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/781226421](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/781226421)

Viviane Aparecida de Lima Maschietto

RESUMO

A oralidade desempenha papel fundamental no desenvolvimento da competência comunicativa em Língua Inglesa, especialmente no contexto do Ensino Médio, etapa em que os estudantes são preparados para atuar em diferentes contextos acadêmicos, profissionais e sociais. Apesar de sua relevância, o desenvolvimento das habilidades orais ainda representa um dos principais desafios do ensino de línguas na educação básica brasileira, em razão de fatores estruturais, pedagógicos e afetivos que limitam as oportunidades de interação em sala de aula. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância da oralidade no Ensino Médio e discutir os principais desafios e possibilidades pedagógicas relacionados ao desenvolvimento das habilidades comunicativas em Língua Inglesa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos da Linguística Aplicada, da Aquisição de Segunda Língua e em documentos oficiais que orientam o ensino de línguas no Brasil. A análise da literatura evidenciou que práticas pedagógicas centradas na interação, na participação ativa dos estudantes e no uso significativo da língua favorecem o desenvolvimento da fluência, da autonomia e da competência comunicativa. Os resultados também apontam que estratégias como atividades colaborativas, projetos interdisciplinares, utilização de recursos digitais e abordagens contextualizadas contribuem para ampliar as oportunidades de comunicação oral. Conclui-se que a promoção de ambientes de aprendizagem que valorizem a interação, a confiança dos estudantes e o uso autêntico da língua constitui elemento essencial para o fortalecimento da oralidade e para a formação de usuários mais competentes e autônomos da Língua Inglesa.

Palavras-chave: Oralidade; Ensino Médio; Língua Inglesa; Competência Comunicativa; Ensino de Línguas.

ABSTRACT

Oral communication plays a fundamental role in the development of communicative competence in English, especially in the context of high school, a stage in which students are prepared to work in different academic, professional, and social contexts. Despite its relevance, the development of oral skills still represents one of the main challenges in language teaching in Brazilian basic education, due to structural, pedagogical, and affective factors that limit opportunities for interaction in the classroom. In this context, this article aims to analyze the importance of oral communication in high school and discuss the main pedagogical challenges and possibilities related to the development of communicative skills in English. This is a qualitative bibliographic research, based on studies in Applied Linguistics, Second Language Acquisition, and official documents that guide language teaching in Brazil. The literature review showed that pedagogical practices centered on interaction, active student participation, and the meaningful use of language favor the development of fluency, autonomy, and communicative competence. The results also indicate that strategies such as collaborative activities, interdisciplinary projects, the use of digital resources, and contextualized approaches contribute to expanding opportunities for oral communication. It is concluded that promoting learning environments that value interaction, student confidence, and the authentic use of language is an essential element for strengthening orality and for the formation of more competent and autonomous users of the English language.

Keywords: Orality; High School; English Language; Communicative Competence; Language Teaching.

1. INTRODUÇÃO

No contexto da globalização e do avanço das tecnologias digitais, a Língua Inglesa consolidou-se como um importante instrumento de comunicação internacional, sendo amplamente utilizada em ambientes acadêmicos, profissionais, científicos e culturais. Nesse cenário, a capacidade de comunicar-se oralmente em inglês tornou-se uma competência essencial para a participação dos indivíduos em uma sociedade cada vez mais interconectada e multicultural. Assim, o ensino da oralidade assume papel central na formação dos estudantes, especialmente durante o Ensino Médio, etapa em que se intensificam as demandas relacionadas à inserção acadêmica e ao mundo do trabalho.

Entretanto, apesar do reconhecimento da importância das habilidades orais para o uso efetivo da língua, a oralidade ainda constitui um dos maiores desafios no ensino de Língua Inglesa na educação básica brasileira. Historicamente, o ensino de línguas estrangeiras no Brasil esteve fortemente associado a práticas centradas na tradução, na memorização de regras gramaticais e na leitura de textos, o que contribuiu para a formação de estudantes com conhecimentos predominantemente estruturais da língua, mas com dificuldades para utilizá-la em situações reais de comunicação. Embora as abordagens contemporâneas tenham ampliado a valorização das práticas comunicativas, muitos obstáculos ainda limitam o desenvolvimento da produção oral em sala de aula.

Entre os principais desafios encontrados destacam-se a reduzida carga horária destinada à disciplina, o elevado número de estudantes por turma, a escassez de recursos didáticos adequados, a falta de oportunidades de exposição à língua-alvo fora do ambiente escolar e aspectos afetivos relacionados à aprendizagem, como a ansiedade, a insegurança e o medo de cometer erros durante a

interação oral. Tais fatores podem comprometer o engajamento dos estudantes e restringir as oportunidades de uso significativo da língua inglesa.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe uma concepção de ensino pautada no uso social da linguagem, na interação e na construção de sentidos, reconhecendo a Língua Inglesa como uma ferramenta de participação em práticas sociais locais e globais. Essa perspectiva reforça a necessidade de desenvolver propostas pedagógicas que promovam a comunicação autêntica e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

Diante desse contexto, torna-se relevante discutir o papel da oralidade no ensino de Língua Inglesa e refletir sobre estratégias pedagógicas capazes de favorecer o desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes. Assim, este artigo tem como objetivo analisar a importância da oralidade no Ensino Médio, bem como discutir os principais desafios e possibilidades relacionados ao desenvolvimento das habilidades de speaking no contexto do ensino de inglês como língua estrangeira. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica fundamentada em estudos da Linguística Aplicada, da Aquisição de Segunda Língua e dos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Inglesa na educação básica brasileira.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O Ensino de Língua Inglesa no Contexto Brasileiro

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil tem sido marcado por diferentes concepções de linguagem e aprendizagem ao longo de

sua trajetória histórica. Essas concepções influenciaram diretamente os objetivos educacionais, os métodos empregados em sala de aula e o papel atribuído às habilidades linguísticas no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Leffa (1999), a evolução metodológica do ensino de línguas reflete as transformações sociais, políticas e educacionais ocorridas em diferentes períodos históricos, evidenciando mudanças significativas na forma como a aprendizagem de uma língua estrangeira passou a ser compreendida.

Durante grande parte do século XIX e das primeiras décadas do século XX, predominou no Brasil o Método Gramática-Tradução, caracterizado pelo ensino sistemático de regras gramaticais, memorização de vocabulário e tradução de textos. Nesse modelo, a língua era concebida como um conjunto de estruturas formais a serem dominadas pelos estudantes, enquanto as habilidades de comunicação oral recebiam pouca ou nenhuma atenção. Como consequência, a aprendizagem concentrava-se principalmente na leitura e na escrita, limitando as oportunidades de uso efetivo da língua em situações de interação social.

Posteriormente, novas abordagens metodológicas passaram a questionar a eficácia desse modelo tradicional. O Método Direto, o Método Audiolingual e, mais tarde, a Abordagem Comunicativa buscaram aproximar o ensino das situações reais de uso da língua, atribuindo maior importância às habilidades de compreensão e produção oral. Segundo Leffa (2003), essas mudanças representaram uma tentativa de superar a visão estruturalista da linguagem e promover práticas pedagógicas voltadas para a comunicação e para a interação entre os falantes.

Nesse contexto, a aprendizagem de uma língua estrangeira passou a ser entendida não apenas como o domínio de regras linguísticas, mas como a capacidade de utilizar a língua de maneira adequada em diferentes contextos sociais. Tal perspectiva encontra respaldo nos estudos da Linguística Aplicada contemporânea, que concebem a linguagem como prática social e defendem a construção de competências comunicativas capazes de atender às demandas de uma sociedade cada vez mais globalizada e multicultural.

No cenário educacional brasileiro atual, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa compreensão ao propor o ensino da Língua Inglesa orientado para práticas de linguagem significativas, contextualizadas e socialmente situadas. O documento reconhece o inglês como língua franca e destaca sua importância para a participação dos estudantes em contextos locais e globais, favorecendo o diálogo intercultural, a construção de conhecimentos e o exercício da cidadania. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da competência comunicativa assume papel fundamental, especialmente no que se refere à oralidade, entendida como um instrumento de interação, negociação de sentidos e produção de significados.

Assim, a valorização das práticas orais representa uma mudança significativa em relação às concepções tradicionais de ensino de línguas. Mais do que reproduzir estruturas linguísticas, espera-se que os estudantes sejam capazes de utilizar a língua inglesa para expressar opiniões, compartilhar experiências, resolver problemas e participar ativamente de diferentes situações comunicativas. Dessa forma, o ensino da oralidade torna-se elemento central na formação de sujeitos linguisticamente competentes e preparados para atuar

em uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural e pela circulação global de informações.

2.2. A Importância da Oralidade no Processo de Aprendizagem

A oralidade constitui uma das formas mais relevantes de interação humana e desempenha papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Por meio da comunicação oral, os indivíduos expressam ideias, sentimentos, opiniões e conhecimentos, além de construir relações sociais e negociar significados em diferentes contextos comunicativos. No âmbito do ensino de Língua Inglesa, o desenvolvimento da oralidade ultrapassa a simples reprodução de estruturas linguísticas, envolvendo a capacidade de utilizar a língua de forma significativa, contextualizada e adequada às diferentes situações de interação.

A valorização da oralidade está diretamente relacionada ao conceito de competência comunicativa, desenvolvido inicialmente por Hymes (1972) em contraposição à noção de competência linguística proposta por Chomsky. Para Hymes, aprender uma língua não significa apenas dominar suas regras gramaticais, mas também saber utilizá-la de maneira apropriada em diferentes contextos sociais. Dessa forma, a comunicação eficaz depende não apenas do conhecimento formal da língua, mas também da capacidade de interpretar situações comunicativas, adequar o discurso aos interlocutores e utilizar estratégias que favoreçam a interação.

No campo da aquisição de segunda língua, diversos estudos destacam a importância da oralidade para o desenvolvimento da competência comunicativa. Krashen (1985), por meio da Hipótese do Input, argumenta que a aquisição linguística ocorre quando os

aprendizes são expostos a insumos compreensíveis ligeiramente acima de seu nível atual de proficiência. Nesse contexto, as interações orais desempenham papel fundamental, pois permitem que os estudantes tenham contato com diferentes formas de uso da língua em situações autênticas de comunicação, favorecendo a ampliação gradual de seus conhecimentos linguísticos.

Complementando essa perspectiva, Long (1996) enfatiza a relevância da interação para a aprendizagem linguística. Segundo a Hipótese da Interação, a negociação de significados durante a comunicação possibilita que os aprendizes percebam lacunas em seus conhecimentos e desenvolvam estratégias para compreender e serem compreendidos. Assim, atividades que promovem a troca de informações, a resolução colaborativa de problemas e o diálogo entre os estudantes contribuem significativamente para o desenvolvimento da proficiência oral.

Outro aspecto importante é destacado por Swain (1985), que propõe a Hipótese do Output. De acordo com essa autora, a aprendizagem não depende apenas da exposição à língua, mas também da oportunidade de produzi-la. Ao tentar expressar ideias oralmente, os estudantes são levados a refletir sobre aspectos linguísticos, identificar limitações em seu repertório e buscar formas mais eficientes de comunicação. Dessa maneira, a produção oral torna-se um elemento essencial para o aprimoramento da competência comunicativa.

Além dos aspectos cognitivos e linguísticos, a oralidade também envolve fatores afetivos que influenciam diretamente o processo de aprendizagem. Krashen (1985) destaca que níveis elevados de ansiedade, insegurança e medo de errar podem dificultar a

aquisição da língua, constituindo o chamado filtro afetivo. Nesse sentido, a criação de ambientes acolhedores e colaborativos torna-se indispensável para que os estudantes se sintam confiantes para participar das interações orais e experimentar novos usos da linguagem.

Brown (2007) ressalta ainda que a prática sistemática da oralidade favorece o desenvolvimento da fluência, da pronúncia, da compreensão auditiva e da competência estratégica. Tais habilidades permitem que os aprendizes utilizem recursos linguísticos e comunicativos para manter a interação mesmo quando não dominam completamente determinados elementos da língua. Conseqüentemente, a oralidade contribui para o fortalecimento da autonomia dos estudantes e para a ampliação de sua capacidade de participar ativamente de diferentes situações comunicativas.

Dessa forma, a literatura evidencia que a oralidade deve ocupar posição central no ensino de Língua Inglesa, especialmente no contexto do Ensino Médio, em que os estudantes se preparam para desafios acadêmicos, profissionais e sociais cada vez mais marcados pela comunicação intercultural. O desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam a interação, a participação ativa e o uso significativo da língua mostra-se, portanto, essencial para a formação de sujeitos capazes de utilizar o inglês como ferramenta de comunicação e inserção em um mundo globalizado.

2.3. Desafios para o Desenvolvimento da Oralidade no Ensino Médio

Apesar do reconhecimento da importância da oralidade para o desenvolvimento da competência comunicativa em Língua Inglesa, sua efetiva implementação no contexto do Ensino Médio brasileiro ainda enfrenta diversos obstáculos. Tais desafios envolvem aspectos estruturais, pedagógicos e afetivos que, muitas vezes, limitam as oportunidades de interação oral e comprometem a construção de ambientes favoráveis à aprendizagem da língua.

Entre os fatores estruturais mais frequentemente apontados pela literatura destaca-se a reduzida carga horária destinada ao ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras. Em muitos casos, o número limitado de aulas semanais dificulta a realização de atividades comunicativas que demandam tempo para planejamento, interação, prática e feedback. Como consequência, os professores tendem a priorizar conteúdos considerados mais facilmente avaliáveis, como vocabulário, leitura e aspectos gramaticais, em detrimento de práticas voltadas à produção oral.

Outro desafio significativo refere-se ao elevado número de estudantes por turma. Salas numerosas reduzem as possibilidades de acompanhamento individualizado e dificultam a participação ativa de todos os alunos nas atividades de speaking. Além disso, o tempo disponível para que cada estudante pratique a língua oralmente torna-se limitado, restringindo oportunidades essenciais para o desenvolvimento da fluência e da confiança comunicativa.

No âmbito pedagógico, observa-se ainda a permanência de práticas avaliativas fortemente centradas na produção escrita e no conhecimento gramatical. Embora documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defendam uma abordagem comunicativa e orientada para o uso social da

linguagem, muitas instituições ainda priorizam avaliações que valorizam a precisão linguística em detrimento da interação e da construção de significados. Essa realidade contribui para que a oralidade ocupe uma posição secundária no planejamento das aulas e nos processos de avaliação da aprendizagem.

Além das limitações estruturais e metodológicas, fatores afetivos exercem influência decisiva no desenvolvimento da oralidade. Entre eles destacam-se a ansiedade linguística, a insegurança em relação ao próprio desempenho e o receio de cometer erros durante a comunicação. Em contextos escolares, muitos estudantes evitam participar de atividades orais por medo de julgamentos por parte dos colegas ou do professor, o que reduz significativamente suas oportunidades de prática e desenvolvimento linguístico.

Essa questão pode ser compreendida à luz da Hipótese do Filtro Afetivo proposta por Krashen (1985). Segundo o autor, fatores emocionais como ansiedade, baixa autoestima e falta de motivação podem atuar como barreiras à aquisição da língua, dificultando o processamento dos insumos linguísticos e limitando o progresso dos aprendizes. Quanto mais elevado for o filtro afetivo, menores tendem a ser as possibilidades de aprendizagem significativa.

Outro aspecto relevante refere-se à cultura escolar tradicionalmente associada à correção constante dos erros linguísticos. Embora o feedback desempenhe papel importante no processo de aprendizagem, abordagens excessivamente corretivas podem gerar insegurança e inibir a participação dos estudantes em situações comunicativas. Em muitos casos, a preocupação com a precisão gramatical acaba se sobrepondo ao desenvolvimento da fluência e

da capacidade de interação, fazendo com que os alunos evitem utilizar a língua por receio de errar.

Adicionalmente, a limitada exposição à Língua Inglesa fora do ambiente escolar representa um desafio importante para muitos estudantes brasileiros. Diferentemente de contextos de imersão linguística, nos quais a língua-alvo está presente em diferentes esferas da vida cotidiana, os aprendizes frequentemente dependem exclusivamente das aulas para praticar o idioma. Essa restrição reduz as oportunidades de contato com modelos autênticos de comunicação e dificulta a consolidação das habilidades orais.

Diante desse cenário, torna-se evidente que o desenvolvimento da oralidade no Ensino Médio demanda não apenas mudanças metodológicas, mas também a criação de condições pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes, a valorização da comunicação significativa e a construção de ambientes emocionalmente seguros. Compreender esses desafios constitui um passo fundamental para a elaboração de estratégias capazes de promover experiências de aprendizagem mais eficazes e alinhadas às demandas comunicativas da sociedade contemporânea.

2.4. Possibilidades Pedagógicas para o Desenvolvimento da Oralidade

Diante dos desafios que permeiam o ensino da oralidade no contexto da educação básica, torna-se fundamental a adoção de estratégias pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes e ampliem as oportunidades de uso significativo da Língua Inglesa. A literatura especializada tem destacado a importância de práticas que promovam a interação, a colaboração e

a comunicação autêntica, contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa e para a construção da autonomia dos aprendizes.

Entre as estratégias mais utilizadas para o desenvolvimento da oralidade destacam-se as atividades realizadas em pares e pequenos grupos. Essas práticas possibilitam maior tempo de fala para os estudantes, reduzem a ansiedade associada à exposição diante de toda a turma e favorecem a negociação de significados durante a interação. Segundo Long (1996), situações de interação colaborativa contribuem para a aquisição da língua ao promover oportunidades de comunicação genuína e resolução conjunta de problemas linguísticos.

Os jogos comunicativos também representam uma alternativa relevante para o ensino da oralidade. Além de tornarem as aulas mais dinâmicas e motivadoras, esses recursos criam contextos significativos de comunicação nos quais os estudantes utilizam a língua para atingir objetivos específicos. Nesses momentos, o foco desloca-se da simples reprodução de estruturas gramaticais para a utilização funcional da linguagem, favorecendo o desenvolvimento da fluência e da espontaneidade comunicativa.

Outra estratégia amplamente recomendada consiste na realização de dramatizações, simulações e role-plays. Essas atividades permitem que os estudantes assumam diferentes papéis sociais e utilizem a língua em situações próximas da realidade, ampliando suas possibilidades de experimentação linguística. Ao recriar contextos cotidianos, acadêmicos ou profissionais, os aprendizes desenvolvem não apenas habilidades linguísticas, mas também

competências socioculturais essenciais para a comunicação intercultural.

Debates, seminários e apresentações orais também se destacam como instrumentos importantes para o desenvolvimento da oralidade. Essas práticas estimulam a argumentação, o pensamento crítico e a capacidade de organizar ideias em língua inglesa. Além disso, favorecem a ampliação do vocabulário e o aprimoramento da confiança dos estudantes ao utilizarem a língua em contextos formais de comunicação.

Nos últimos anos, os projetos interdisciplinares e a Aprendizagem Baseada em Projetos (Project-Based Learning – PBL) têm recebido crescente atenção no campo do ensino de línguas. Essa abordagem propõe a resolução de problemas reais por meio da investigação, da colaboração e da produção de produtos significativos. No ensino de Língua Inglesa, os projetos possibilitam a integração entre diferentes habilidades linguísticas e áreas do conhecimento, criando situações autênticas de comunicação que incentivam o uso da oralidade durante todo o processo de aprendizagem.

As tecnologias digitais também ampliam as possibilidades de desenvolvimento das habilidades orais. Ferramentas como plataformas de videoconferência, aplicativos de aprendizagem de idiomas, gravação de podcasts, produção de vídeos e ambientes virtuais colaborativos oferecem oportunidades adicionais para a prática da língua dentro e fora da sala de aula. Além de aumentar o tempo de exposição ao idioma, esses recursos favorecem a participação dos estudantes e aproximam o ensino das práticas comunicativas presentes na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, a Abordagem Pós-Método, proposta por Kumaravadivelu (2006), apresenta contribuições significativas ao defender que não existe uma metodologia única capaz de atender às necessidades de todos os contextos educacionais. O autor propõe que os professores atuem de forma crítica e reflexiva, adaptando suas práticas às características dos estudantes, aos objetivos de aprendizagem e às especificidades socioculturais do ambiente em que atuam. Essa perspectiva valoriza a autonomia docente e reconhece a importância da contextualização das estratégias pedagógicas para promover experiências de aprendizagem mais significativas.

Dessa forma, a literatura evidencia que o desenvolvimento da oralidade depende da criação de ambientes de aprendizagem que estimulem a interação, a participação e o uso autêntico da língua. A adoção de estratégias diversificadas, aliada à atuação reflexiva do professor, pode contribuir significativamente para a formação de estudantes mais confiantes, autônomos e capazes de utilizar a Língua Inglesa em diferentes contextos comunicativos.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida com o objetivo de analisar as contribuições da oralidade para o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa no Ensino Médio, bem como identificar os principais desafios e possibilidades pedagógicas relacionados ao desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes.

A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2008), constitui uma modalidade de investigação elaborada a partir de materiais já publicados, permitindo ao pesquisador analisar diferentes perspectivas teóricas sobre determinado fenômeno e construir interpretações fundamentadas acerca do objeto de estudo. Nesse sentido, o levantamento teórico realizado concentrou-se em obras clássicas e contemporâneas da área de Linguística Aplicada, Aquisição de Segunda Língua e Ensino de Línguas Estrangeiras.

Para a composição do corpus teórico foram selecionados livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais relacionados ao ensino de Língua Inglesa, à oralidade, à competência comunicativa e às abordagens metodológicas voltadas ao ensino de línguas. Também foram considerados documentos normativos que orientam a educação básica brasileira, com destaque para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), devido à sua relevância para a organização do ensino de Língua Inglesa no contexto escolar contemporâneo.

A revisão fundamentou-se, principalmente, nos estudos de Leffa (1999, 2003, 2008), Krashen (1985), Brown (2007), Long (1996), Swain (1985) e Kumaravadivelu (2006), autores que discutem aspectos relacionados à aquisição de línguas, interação, competência comunicativa, fatores afetivos e práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da oralidade. A escolha desses referenciais justifica-se por sua relevância e ampla utilização nas pesquisas da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Os materiais selecionados foram submetidos a uma análise de natureza interpretativa, buscando identificar convergências teóricas acerca da importância da oralidade no processo de aprendizagem,

dos desafios enfrentados pelos professores e estudantes e das estratégias pedagógicas apontadas pela literatura como promotoras do desenvolvimento das habilidades orais. A análise ocorreu por meio da leitura exploratória, seletiva e analítica das obras consultadas, permitindo a organização dos dados em categorias temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou a construção de uma reflexão teórica acerca do papel da oralidade no ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio, contribuindo para a compreensão dos fatores que influenciam o desenvolvimento da competência comunicativa e das possibilidades pedagógicas que podem favorecer práticas de ensino mais significativas e contextualizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura consultada evidencia que a oralidade ocupa posição central no desenvolvimento da competência comunicativa em Língua Inglesa, sendo considerada um dos principais elementos para a utilização efetiva da língua em contextos sociais, acadêmicos e profissionais. Os estudos revisados convergem ao afirmar que a aprendizagem de uma língua estrangeira não se limita à aquisição de conhecimentos gramaticais e lexicais, mas envolve, sobretudo, a capacidade de utilizar a linguagem para interagir, negociar significados e construir sentidos em situações reais de comunicação.

Os referenciais teóricos analisados apontam que as práticas pedagógicas fundamentadas na interação apresentam resultados mais favoráveis para o desenvolvimento das habilidades orais quando comparadas a abordagens centradas exclusivamente na transmissão de conteúdos linguísticos. As contribuições de Krashen

(1985), Long (1996) e Swain (1985) evidenciam que a aprendizagem ocorre de forma mais significativa quando os estudantes têm acesso a insumos linguísticos compreensíveis, participam de interações autênticas e dispõem de oportunidades para produzir a língua em diferentes contextos comunicativos. Tais pressupostos reforçam a necessidade de ampliar os espaços de fala em sala de aula, favorecendo experiências que promovam a participação ativa dos aprendizes.

Outro aspecto recorrente nos estudos analisados refere-se à influência dos fatores afetivos sobre o desenvolvimento da oralidade. A literatura demonstra que sentimentos como ansiedade, insegurança e medo de cometer erros podem reduzir significativamente a participação dos estudantes em atividades comunicativas. Nesse sentido, o conceito de filtro afetivo proposto por Krashen (1985) permanece relevante para a compreensão dos desafios encontrados no contexto escolar. Os resultados indicam que ambientes de aprendizagem acolhedores, nos quais o erro é compreendido como parte natural do processo de aquisição linguística, tendem a favorecer maior envolvimento dos estudantes e maior disposição para a comunicação oral.

A análise também revela que a permanência de práticas pedagógicas excessivamente centradas na correção gramatical pode limitar o desenvolvimento da fluência oral. Embora o conhecimento das estruturas linguísticas seja importante para a aprendizagem, os estudos destacam que a ênfase exclusiva na precisão tende a inibir a participação dos estudantes e reduzir as oportunidades de uso espontâneo da língua. Dessa forma, a literatura sugere a adoção de abordagens equilibradas, capazes de

contemplar tanto a correção linguística quanto a promoção da comunicação significativa.

No que se refere às estratégias pedagógicas, verificou-se amplo consenso acerca da eficácia de atividades colaborativas, como trabalhos em pares e grupos, debates, dramatizações, apresentações orais e projetos interdisciplinares. Essas práticas possibilitam que os estudantes utilizem a língua para resolver problemas, compartilhar conhecimentos, defender pontos de vista e interagir em situações próximas às vivenciadas fora do ambiente escolar. Além disso, tais atividades contribuem para o desenvolvimento da autonomia, da confiança comunicativa e do pensamento crítico, competências consideradas essenciais para a formação integral dos estudantes.

Outro resultado relevante refere-se ao potencial das tecnologias digitais como ferramentas de apoio ao desenvolvimento da oralidade. Recursos como plataformas de videoconferência, aplicativos educacionais, podcasts, gravações de áudio e vídeo e ambientes virtuais colaborativos ampliam as possibilidades de exposição à língua inglesa e criam oportunidades adicionais para a prática comunicativa. Os estudos analisados indicam que a integração dessas tecnologias ao ensino favorece maior engajamento dos estudantes e aproxima as práticas pedagógicas das formas contemporâneas de comunicação presentes na sociedade digital.

Além disso, as contribuições da Abordagem Pós-Método, proposta por Kumaravadivelu (2006), mostram-se particularmente relevantes para a promoção da oralidade. Ao reconhecer a diversidade dos contextos educacionais, essa perspectiva defende que os professores atuem de forma crítica e reflexiva na seleção e

adaptação de estratégias pedagógicas. Os resultados da revisão demonstram que não existe uma metodologia única capaz de atender às necessidades de todos os estudantes, sendo fundamental que as práticas de ensino considerem fatores culturais, sociais, institucionais e individuais presentes em cada realidade escolar.

De modo geral, os achados desta revisão evidenciam que o desenvolvimento da oralidade depende da combinação de diferentes fatores, incluindo metodologias interativas, ambientes emocionalmente seguros, oportunidades frequentes de comunicação e utilização de recursos pedagógicos diversificados. Assim, a literatura analisada reforça a necessidade de repensar práticas tradicionalmente centradas na transmissão de conteúdos, valorizando abordagens que promovam a participação ativa dos estudantes e o uso significativo da Língua Inglesa como instrumento de comunicação e interação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a importância da oralidade no Ensino Médio e discutir os principais desafios e possibilidades pedagógicas relacionados ao desenvolvimento das habilidades comunicativas em Língua Inglesa. A partir da revisão da literatura, foi possível compreender que a oralidade ocupa papel central no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, constituindo-se como um elemento fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa e para a participação efetiva dos estudantes em diferentes contextos sociais, acadêmicos e profissionais.

Os resultados evidenciaram que, apesar dos avanços observados nas concepções contemporâneas de ensino de línguas e das orientações presentes nos documentos educacionais brasileiros, a promoção da oralidade ainda enfrenta desafios significativos no contexto escolar. Entre os principais obstáculos identificados destacam-se a reduzida carga horária destinada ao ensino de Língua Inglesa, o elevado número de estudantes por turma, a predominância de práticas avaliativas centradas na escrita e fatores afetivos, como ansiedade, insegurança e medo de cometer erros durante a comunicação.

Por outro lado, a literatura analisada aponta que a adoção de práticas pedagógicas fundamentadas na interação, na colaboração e no uso significativo da língua pode favorecer o desenvolvimento das habilidades orais dos estudantes. Estratégias como atividades em pares e grupos, debates, dramatizações, apresentações orais, projetos interdisciplinares e o uso de tecnologias digitais mostraram-se particularmente relevantes para ampliar as oportunidades de comunicação e fortalecer a confiança dos aprendizes no uso da língua inglesa.

As discussões apresentadas também reforçam a importância de uma atuação docente crítica e reflexiva, capaz de adaptar metodologias e recursos às necessidades específicas dos estudantes e às características de cada contexto educacional. Nessa perspectiva, a Abordagem Pós-Método revela-se uma contribuição relevante ao defender práticas pedagógicas contextualizadas e centradas na realidade dos aprendizes, favorecendo experiências de aprendizagem mais significativas e inclusivas.

Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento da oralidade não depende exclusivamente do ensino de aspectos linguísticos formais,

mas da criação de ambientes de aprendizagem que estimulem a interação, a autonomia, a participação ativa e a construção colaborativa do conhecimento. A valorização dessas práticas pode contribuir para a formação de estudantes mais confiantes, críticos e preparados para utilizar a Língua Inglesa como instrumento de comunicação em uma sociedade cada vez mais globalizada e intercultural.

Por fim, reconhece-se que este estudo apresenta as limitações inerentes às pesquisas de natureza bibliográfica, uma vez que se fundamenta na análise de produções já publicadas. Dessa forma, sugere-se que futuras investigações realizem estudos de campo em escolas de Ensino Médio, buscando analisar como diferentes estratégias pedagógicas voltadas à oralidade são implementadas na prática e quais impactos produzem no desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. Tais pesquisas poderão ampliar a compreensão sobre o tema e contribuir para o aprimoramento das práticas de ensino de Língua Inglesa na educação básica brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BROWN, H. Douglas. Principles of Language Learning and Teaching. 5. ed. New York: Pearson Education, 2007.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (org.). Sociolinguistics. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 269-293.

KRASHEN, Stephen D. The Input Hypothesis: Issues and Implications. London: Longman, 1985.

KUMARAVADIVELU, B. Understanding Language Teaching: From Method to Postmethod. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil: um panorama histórico. Revista Contexturas, v. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, Vilson J. Ensino de línguas no Brasil: passado, presente e futuro. In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (org.). Linguística aplicada e contemporaneidade. Campinas: Pontes, 2003. p. 53-73.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. T. (org.). Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 211-236.

LEFFA, Vilson J. Língua Estrangeira: Ensino e Aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2008.

LONG, Michael H. The role of the linguistic environment in second language acquisition. In: RITCHIE, W. C.; BHATIA, T. K. (org.). Handbook of Second Language Acquisition. San Diego: Academic Press, 1996. p. 413-468.

SWAIN, Merrill. Communicative competence: some roles of comprehensible input and comprehensible output in its development. In: GASS, S.; MADDEN, C. (org.). Input in Second Language Acquisition. Rowley: Newbury House, 1985. p. 235-253.

